

último amor
trilogia o hotel das recordações
nora roberts

Tradução de Isabel C. Penteado

*Para Dan e Charlotte. Pela confiança que vos permite apoiarem-se
um ao outro. Pela generosidade e abrangência desse abraço.
Pelo humor que ilumina as vossas vidas. E pelo amor, tão profundo e
radioso, que une tudo isso.*

*Lutar pelo amor é bom
mas alcançá-lo sem luta é melhor.*
— SHAKESPEARE

*O coração tem razões
que a própria razão desconhece.*
— PASCAL

CAPÍTULO UM

Uma Lua cheia de inverno derramava luz sobre as velhas pedras e os tijolos do hotel da praça. Sob os seus raios, os novos alpendres e pilares reluziam e o cobre do telhado cintilava. Ali, o velho e o novo misturavam-se — o passado e o presente — num casamento sólido e feliz.

As suas janelas permaneciam escuras naquela noite de dezembro, escondendo os seus segredos nas sombras. Mas daí a poucas semanas brilharão como outras ao longo na rua principal de Boonsboro.

Sentado na sua pick-up, enquanto esperava que o semáforo da praça abrisse, Owen Montgomery olhou para as lojas e apartamentos da rua principal, alegremente adornados para o Natal. Luzinhas piscavam e dançavam. À sua direita, uma bonita árvore enfeitava a grande janela do apartamento do primeiro andar. A residência temporária da futura gerente do hotel refletia o seu estilo. Elegância discreta.

No Natal seguinte, teriam o hotel coberto de luzes brancas e folhagem. E Hope Beaumont centraria a sua bonita árvore na janela do apartamento da gerente do segundo andar.

Olhou para a esquerda, onde Avery MacTavish, proprietária da pizaria e restaurante Vesta, tinha o alpendre frontal do restaurante coberto de luzes.

O apartamento por cima, que pertencera anteriormente ao seu

irmão Beckett, exibia também uma árvore à janela. De resto, as janelas estavam tão escuras como as do hotel. Ela devia estar a trabalhar naquela noite, pensou ele, reparando no movimento do restaurante. Esticou-se um pouco, mas não conseguiu vê-la atrás do balcão de trabalho.

Quando o semáforo abriu, Owen virou à direita para a St. Paul Street, e depois à esquerda para o parque de estacionamento nas traseiras do hotel. Deixou-se ficar por instantes sentado na pick-up, a ponderar. Podia ir até à Vesta, pensou, comer uma fatia de piza, beber uma cerveja e ficar por lá até à hora do fecho... E só depois ir dar uma olhada nas obras do hotel.

Ele não precisava propriamente de ir dar uma olhada ao hotel, lembrou a si mesmo. Mas não estivera lá o dia todo, já que estivera ocupado com outros compromissos, com outros detalhes referentes à firma de construção da família, Montgomery Family Contractors. Owen não queria esperar pelo dia seguinte para ver o que os irmãos e o restante pessoal haviam concluído naquele dia.

Além disso, a pizaria parecia bastante movimentada e faltavam pouco mais de trinta minutos para o fecho. Não que Avery o expulsasse depois da hora... supunha ele. O mais provável seria sentar-se e beber uma cerveja com ele.

Era uma ideia tentadora, pensou, mas tinha mesmo de dar uma rápida vista de olhos ao hotel e voltar para casa. Precisava de estar de regresso à obra, com as suas ferramentas, por volta das sete.

Saiu da pick-up, para o ar gélido da noite, já com as chaves na mão. Alto como os irmãos, com uma constituição física a tender mais para o esguio, encolheu-se dentro do seu casaco enquanto contornava o muro de pedra do pátio em direção às portas do vestíbulo.

As chaves estavam diferenciadas por cores, que os irmãos consideravam mariquice, mas que ele considerava eficaz. Poucos segundos depois, estava dentro do edifício, abrigado do frio.

Acendeu as luzes e deixou-se ficar parado, a sorrir como um tolo.

O decorativo padrão de ladrilhos realçava toda a extensão do chão e dava um toque de charme às paredes de tons suaves com os seus lambrins de cor creme, feitos por medida. Beckett estivera certo ao optar por deixar a descoberto os tijolos da parede lateral. E a mãe acertara em cheio no lustre que escolhera: não era luxuoso, nem tradicional, mas, de

alguma forma, orgânico, com os ramos em bronze e os estreitos globos flutuantes centrados sobre o mosaico.

Olhou para a direita e reparou que os lavabos do vestíbulo, com os seus requintados azulejos e lavatórios de pedra com veios verdes, tinham sido pintados.

Pegou no caderno de apontamentos e anotou a necessidade de darem alguns retoques antes de atravessar o arco de pedra à sua esquerda.

Mais tijolo exposto... sim, Beckett tinha realmente queda para aquilo. As prateleiras da pequena lavanderia exibiam uma organização impecável, decerto obra de Hope que, com a sua vontade férrea, havia conseguido expulsar Ryder do espaço projetado para o seu escritório para poder começar a organizá-lo.

Parou quando chegou ao futuro escritório de Hope e viu a marca do irmão bem presente: os cavaletes e uma folha de contraplacado formavam a rústica secretária, o grande arquivador branco — a bíblia da obra —, algumas ferramentas e latas de tinta.

Owen imaginava que não faltaria muito para Hope voltar a expulsar Ryder.

Prosseguiu e parou para se deliciar com a cozinha aberta.

Tinham instalado as luzes. O grande candeeiro de ferro por cima da ilha e uma versão mais pequena em cada uma das janelas. Os acolhedores armários de madeira, detalhes em creme e o granito liso complementavam o brilho frio dos eletrodomésticos de aço inoxidável.

Abriu a porta do frigorífico e estendeu a mão para tirar uma cerveja. Daí a pouco teria de conduzir novamente, lembrou a si mesmo, e resolveu tirar uma lata de *Pepsi* antes de anotar mentalmente a necessidade de solicitar a instalação das persianas e o acabamento final das janelas.

Estavam quase a postos para essa fase.

Continuou em direção à receção, onde deu mais uma vista de olhos e tornou a sorrir abertamente.

A consola da chaminé da lareira, que Ryder criara a partir de uma velha tábua de madeira de celeiro, combinava na perfeição com o tijolo velho e a funda lareira. Naquele momento, lonas, mais latas de tinta e mais ferramentas apinhavam o espaço. Owen tomou mais algumas notas enquanto saía calmamente em direção ao primeiro arco e parou a meio do vestíbulo, a caminho do espaço que seria a sala de estar, quando ouviu passos no primeiro piso.

Atravessou o segundo arco e percorreu o curto corredor em direção às escadas. Viu que Luther havia trabalhado com afinco no corrimão de ferro e deslizou a mão pelo mesmo ao iniciar a subida.

— Ok, isto está uma beleza. Ry? Estás aí em cima?

Uma porta fechou-se subitamente, provocando-lhe um ligeiro sobressalto. Os seus serenos olhos azuis semicerraram-se quando ele chegou ao topo do primeiro lanço. Os irmãos gostavam muito de o irritar, e diabos o levassem se ia dar a algum deles motivo para o gozarem.

— Ooooh... — disse ele, fingindo medo. — Deve ser o fantasma. Estou tão assustado!

Virou em direção à frente do edifício e viu que a porta do quarto Elizabeth & Darcy estava, de facto, fechada, ao contrário da do Titania & Oberon, que ficava em frente.

Muito engraçado, pensou ele com azedume.

Aproximou-se silenciosamente da porta, com a intenção de a abrir de repente, entrar de rompante e provavelmente pregar um susto valente ao irmão que lá estivesse. Agarrou na maçaneta curva, baixou-a lentamente e empurrou a porta.

A porta não cedeu.

— Para com isso, imbecil. — Mas soltou umas pequenas gargalhadas inadvertidas. Pelo menos, até a porta se escancarar subitamente e as duas portas do alpendre fazerem o mesmo.

Sentiu o aroma a madressilvas, doce como o verão, na corrente de ar gelado.

— Credo!

Estava prestes a aceitar que tinham um fantasma, quase acreditava nisso. Afinal, haviam ocorrido incidentes e Beckett mostrava-se inflexível a respeito do assunto. Suficientemente inflexível para lhe ter dado o nome de Elizabeth, em honra do quarto preferido do fantasma.

Mas aquela era a primeira experiência pessoal, direta e indiscutível de Owen.

Ficou de queixo caído quando a porta da casa de banho se fechou com força, tornou a abrir e bateu novamente.

— Ok. Ok... Hum, desculpa a intromissão. Eu estava apenas... — A porta fechou-se violentamente na sua cara... ou ter-se-ia fechado caso ele não tivesse saltado para trás a tempo de evitar a pancada no nariz.

— Ora, então? Nesta altura já deves saber quem eu sou. Estou cá

quase todos os dias. Sou o Owen, irmão do Beck. Eu... ah, venho em paz e isso tudo.

A porta da casa de banho tornou a bater e o som fê-lo estremecer. — Tem cuidado com o material, ok? Qual é o teu problema? Eu estava apenas... Ah. Já percebi.

Owen pigarreou, tirou o gorro de lã da cabeça e passou com as mãos pelos espessos cabelos castanhos-escuros. — Escuta, eu chamei-te imbecil porque pensei que eras o Ry. Conheces o meu outro irmão, o Ryder? Tens de admitir que ele às vezes é mesmo imbecil. E aqui estou eu, no meio do corredor, a justificar-me a um fantasma.

A porta abriu uma fresta. Com cautela, Owen abriu-a completamente. — Eu vou só fechar as portas do alpendre. Temos mesmo de as manter fechadas.

Ele era capaz de reconhecer que o som da própria voz a ecoar no quarto vazio lhe provocava arrepios, mas enfiou o gorro no bolso do casaco enquanto se encaminhava para a porta mais distante, fechando-a e trancando-a em seguida. Quando chegou à segunda porta, viu que as luzes do apartamento de Avery, por cima da pizaria, estavam acesas.

E viu-a; ou melhor, vislumbrou um movimento junto à janela.

A corrente de ar cessou; o perfume a madressilvas intensificou-se.

— Já tinha sentido o teu cheiro — murmurou ele, ainda a olhar para as janelas de Avery. — O Beckett diz que o avisaste na noite em que aquele cretino... desculpa a linguagem... em que o Sam Freemont foi atrás da Clare. Obrigado por isso. Eles vão casar-se, o Beck e a Clare. Provavelmente já sabes. Ele é apaixonado por ela quase desde que nasceu.

Fechou então a porta e virou-se para trás. — Por isso, uma vez mais, obrigado.

A porta da casa de banho estava agora aberta e Owen viu a própria imagem refletida no espelho de moldura curva de ferro sobre o lavatório.

Tinha de admitir que estava com um olhar um pouco tresloucado e o cabelo espetado em tufos era mais um contributo para a imagem amedrontada. Voltou a passar automaticamente os dedos pelo cabelo para tentar acalmá-la.

— Estou só a dar uma vista de olhos e a fazer anotações. Estamos em fase de acabamentos. Mas não aqui neste quarto. Este está concluído. Acho que os rapazes queriam terminá-lo o quanto antes. Alguns deles sentem-se um bocadinho assustados aqui. Sem querer ofender. Bem...

só me falta ir ao piso superior e depois vou-me embora. Vemo-nos brevemente... ou não vemos, mas...

Tanto fazia, decidiu ele, saindo do quarto.

Passou mais de trinta minutos a vistoriar cada quarto, cada piso, a tomar notas. De vez em quando o perfume a madressilvas regressava, ou uma porta tornava a abrir-se.

A presença dela, que Owen já não podia negar, parecia agora bastante inofensiva. Mas também não pôde negar a vaga sensação de alívio que o percorreu quando finalmente saiu do hotel e trancou a porta.

As botas de Owen esmagavam o gelo do caminho enquanto ele fazia malabarismo para equilibrar o café e os donuts. Faltava meia hora para o nascer do Sol quando ele regressou ao interior do hotel, encaminhando-se diretamente para a cozinha para pousar a caixa de donuts, o tabuleiro de copos de café e a pasta. Para se animar, e já que ali estava, dirigiu-se para a receção e acendeu os troncos do recuperador de calor a gás. Agradado com o calor e a luz, descalçou as luvas, dobrou-as e guardou-as nos bolsos do casaco.

Regressou à cozinha, abriu a pasta, tirou o bloco de notas e começou a rever, uma vez mais, a agenda do dia. O telemóvel que trazia preso à cintura tocou, assinalando a hora da reunião matinal.

Tinha comido metade de um donut açucarado quando ouviu Ryder estacionar a pick-up.

O irmão usava um boné da Montgomery Family Contractors, um espesso casaco de trabalho já com marcas de uso e uma carantonha de quem estava a precisar de café. *Pateta*, o cão de Ryder, entrou silenciosamente, farejou o ar e olhou ansiosamente para a segunda metade do donut de Owen.

Ryder grunhiu e pegou num copo de café.

— Esse é do Beck — disse-lhe Owen com um olhar de relance. — Como está claro pelo «B» que escrevi de lado.

Ryder voltou a grunhir e pegou no copo com a letra «R». Após um longo gole, olhou para os donuts e optou por um recheado de doce.

Ao ouvir o som da cauda de *Pateta* a bater, Ryder atirou-lhe um pedaço.

— O Beck está atrasado — comentou Owen.

— Foste tu quem decidiu que precisávamos de nos reunir antes do amanhecer. — Ryder deu uma enorme dentada no donut e engoliu-a com o café. Não se barbeara, por isso a barba de alguns dias cobria-lhe os ângulos vincados do rosto. Mas os olhos verdes salpicados de dourado perderam alguma da sonolência carrancuda graças à cafeína e ao açúcar.

— Há demasiadas interrupções quando chega o pessoal. Dei uma vista de olhos ontem à noite, antes de ir para casa. Tiveram um dia produtivo.

— Não parámos. Hoje de manhã vamos concluir os acabamentos do segundo piso. Uns retoques nas sancas, algumas luzes e falta ainda instalar aqueles malditos toalheiros elétricos em dois quartos do primeiro piso. O Luther está a avançar com as balaustradas e os corrimãos.

— Já vi. Tenho algumas anotações.

— Pois.

— E terei mais, espero, quando acabar de fazer a vistoria no primeiro e seguir para o terceiro.

— Para quê esperar? — Ryder agarrou noutro donut e saiu da cozinha. Lançou mais um pedaço, sem se incomodar em olhar para o cão que o seguia a trote.

Pateta agarrou-o com os dentes com a precisão de um profissional de basebol.

— O Beckett ainda não chegou.

— O gajo agora tem mulher... — salientou Ryder — e três filhos. Manhã de escola. Ele há de vir quando puder e depois apanha o fio à meada.

— Aqui em baixo há umas paredes a precisarem de retoque na pintura — começou Owen.

— Eu também tenho olhos.

— Vou mandar instalar já todas as persianas. Se os acabamentos do segundo piso ficarem concluídos hoje, posso mandar avançar com os cortinados no início da próxima semana.

— Os homens limparam, mas apenas o lixo da obra. Isto precisa de uma limpeza a fundo, de um polimento. Tens de passar isso à gerente.

— Falarei com a Hope esta manhã. Vou convencer o County a deixar-nos começar a mobilar.

Ryder olhou de esguelha para o irmão. — Serão mais uns quinze dias, na boa, sem contar com o período de Natal.

Mas, como habitualmente, Owen tinha um plano. — Podemos concluir o segundo piso e depois começar a descer, Ry. Achas que a mãe e a Carolee, já para não falar na Hope, não vão querer comprar mais coisas depois de estar tudo no sítio?

— É o mais provável. Não precisamos que elas se enfiem mais debaixo dos nossos pés.

Ouviram a porta abrir-se no piso térreo enquanto subiam para o segundo andar.

— Estamos no segundo! — gritou Owen. — O café está na cozinha.

— Obrigado, meu Deus.

— Não foi Deus quem comprou o café. — Owen deslizou os dedos sobre a placa oval em bronze enegrecido que tinha gravada a palavra «Gerente». — Pormenor elegante.

— Este hotel está cheio deles. — Ryder bebeu mais café enquanto entravam no apartamento.

— Está com bom aspeto. — Owen ia anuindo com a cabeça à medida que avançava pela pequena cozinha, pela casa de banho, pelos dois quartos. — É um espaço simpático e confortável. Bonito e prático, como a nossa gerente.

— Ela é quase tão insuportavelmente picuinhas como tu.

— Lembra-te de quem é que te compra os donuts, pá.

Ao ouvir a palavra donuts, *Pateta* oscilou o corpo inteiro. — Já tiveste a tua dose, companheiro — disse-lhe Ryder e, com um suspiro, *Pateta* esparramou-se no chão.

Owen olhou para Beckett quando este chegou ao cimo das escadas. Reparou que o irmão desfizera a barba e que tinha um brilho no olhar. Talvez um olhar um pouco esbaforido, como ele supunha que tivesse a maioria dos homens com três filhos de idades inferiores a dez anos e o caos matinal que gerava uma manhã de dia de escola.

Owen lembrava-se bastante bem das suas manhãs de escola e perguntou-se como teriam resistido os pais sem recorrer às drogas pesadas.

— Um dos cães vomitou na cama do Murphy — anunciou Beckett. — Não quero falar do assunto.

— Por mim, tudo bem. O Owen já está a falar em mandar pôr os cortinados e trazer a mobília.

Beckett parou e esfregou rapidamente a cabeça de *Pateta*. — Ainda nos falta fazer acabamentos, pintura.

— Aqui em cima, não. — Owen entrou na primeira das duas suites, a Penthouse. — Podíamos finalizar esta suite. E a Hope podia trazer as coisas dela para o apartamento. Como está a Westley & Buttercup?

— Está concluída. Montámos ontem o espelho da casa de banho e as luzes.

— Então vou dizer à Hope para trazer a esfregona e pôr este piso a brilhar. — Embora confiasse em Ryder, tinha verificado pessoalmente a suite. — Ela tem a lista com o lugar de cada coisa, por isso pode dar um pulo à Bast e dizer-lhes o que precisa de ser entregue aqui.

Owen fez anotações no seu bloco: encomenda de atalhados e roupa de cama, compra de lâmpadas, etc. Atrás dele, Beckett e Ryder trocavam olhares.

— Parece que vamos começar a carregar.

— Não sei quem é esse «vamos» — disse Ryder. — Não serei eu, nem a minha equipa. Ainda temos de terminar as obras.

— Não me lixes. — Beckett levantou as mãos. — Eu tenho de trabalhar nas alterações do projeto da padaria aqui ao lado, se queremos deslocar o pessoal daqui para lá sem perdermos muito tempo.

— Fazia-me jeito algum tempo — resmungou Ryder, mas desceu as escadas atrás de Owen.

Owen parou à porta do quarto Elizabeth & Darcy e olhou atentamente para a porta entreaberta. — Beckett, talvez seja melhor dares uma palavrinha à tua amiga Lizzy. Vê se ela mantém esta porta aberta e as do alpendre fechadas.

— Está aberta. Estão fechadas.

— Agora, sim. Ontem à noite ela irritou-se um bocadinho.

Intrigado, Beckett levantou as sobrancelhas. — Ah, sim?

— Acho que tive o meu primeiro encontro imediato. Ontem à noite vim dar uma vista de olhos e ouvi alguém cá em cima. Pensei que seria um de vocês os dois a gozar comigo. Ela pensou que eu estava a chamar-lhe imbecil e fez questão de me demonstrar que não tinha gostado.

Beckett fez um sorriso de orelha a orelha. — Ela tem um temperamento forte.

— A quem o dizes. Nós fizemos as pazes... acho. Mas não sei se ela é de guardar rancor.

— Aqui também está tudo concluído — disse-lhe Ryder. — E no Titania & Oberon. Ainda precisamos de acabar as sancas e os rodapés no

Nick & Nora, faltam uns retoques no Eve & Roarke e o candeeiro de teto daquela casa de banho. Chegou ontem, finalmente. O Jane & Rochester está cheio de caixas. Lâmpadas, lâmpadas e mais lâmpadas, prateleiras e sabe Deus mais o quê. Mas está concluído.

»Também tenho uma lista. — Ryder apontou para a cabeça enquanto o cão se sentava ao seu lado. — Só não preciso de apontar cada maldito pormenor em dez sítios diferentes.

— Cabides fixos, toalheiros, suportes para papel higiénico — começou Owen.

— Está tudo agendado para hoje.

— Espelhos, televisores planos, interruptores, tomadas, batentes para as portas.

— Está agendado, Owen.

— Tens a lista de onde devem ser instalados?

— É óbvio, picuinhas.

— É preciso colocar as placas de saída de emergência. — Owen continuou a ler a sua lista enquanto avançava para a sala de jantar. — Aqui faltam os apliques. As caixas que construímos para os extintores precisam de ser pintadas e instaladas.

— Assim que te calares, eu posso começar.

— Brochuras, website, publicidade, ultimar os preços dos quartos, os pacotes.

— Isso não é da minha competência.

— Precisamente. E dá graças por isso. De quanto tempo precisas ainda para reveres os planos do projeto da padaria? — perguntou Owen a Beckett.

— Levo-os amanhã de manhã para licenciamento.

— Muito bem. — Pegou no telemóvel e abriu a agenda. — Vamos anotar isso. Vou dizer à Hope para abrir as reservas a quinze de janeiro. Podemos fazer a inauguração a treze e ficamos com um dia para deixar tudo a postos. Depois arrancamos.

— Isso é daqui a menos de um mês — queixou-se Ryder.

— Tu sabes, o Beck sabe e eu sei que faltam menos de duas semanas de trabalho aqui. Isto está concluído antes do Natal. Se começarmos a mobilar ainda esta semana, estará tudo pronto no início do ano e não há motivos para não obtermos a licença de uso e ocupação logo após o período festivo. Assim, teremos duas semanas para tratar de pormenores

de última hora, para resolver algum imprevisto, com a Hope já a morar aqui.

— Concordo com o Owen. Estamos na reta final, Ry.

Ryder enfiou as mãos nos bolsos e encolheu os ombros. — É que parece um bocado estranho dar isto por terminado.

— Anima-te — disse-lhe Owen. — Um lugar como este nunca vai estar verdadeiramente terminado.

Enquanto anuía com a cabeça, Ryder ouviu a porta das traseiras abrir, fechar e o som de botas pesadas no chão ladrilhado. — O pessoal chegou. Vão buscar as ferramentas.

Owen estava ocupado, e feliz, a fazer o molde das sancas. Não o incomodavam as interrupções constantes para atender telefonemas, responder a mensagens escritas, ou ler emails. Para ele o telemóvel era uma ferramenta tão essencial como a pistola de pregos. O edifício fervilhava de atividade, ecoava com vozes e o rádio de Ryder; cheirava a tinta, a madeira acabada de cortar e a café forte. Aquela combinação era para si sinónimo de Montgomery Family Contractors e trazia-lhe sempre o pai à lembrança.

Tudo o que sabia sobre carpintaria e sobre o negócio da construção aprendera com o pai.

Desceu do escadote para examinar o seu trabalho e teve a certeza de que o pai ficaria orgulhoso.

Haviam comprado o velho edifício com os seus alpendres tortos e janelas partidas, as paredes em ruínas e os soalhos degradados, e haviam-no transformado numa joia da praça da vila.

De acordo com a sua opinião, a visão de Beckett, a imaginação e o olhar perspicaz da mãe, a perícia e o trabalho árduo de Ryder e a sua própria atenção aos detalhes, somados ao trabalho de uma boa equipa, haviam transformado em realidade uma ideia discutida em torno da mesa da cozinha.

Owen pousou a pistola de pregos e rolou os ombros enquanto se virava para contemplar o quarto.

Sim, o olhar perspicaz da mãe, pensou novamente. Owen admitia que resistira à ideia das paredes azuis-claras e do teto castanho-escuro... até ter visto o resultado final. «Glamour» era a palavra que definia

o quarto Nick & Nora e atingia o seu auge na casa de banho. O mesmo esquema de cores, que incluía paredes de azulejos azuis e castanhos-escuros sobre chão castanho, tudo resplandecente sob a luz dos candeeiros de cristal. *Um lustre na casa de banho*, pensou ele, abanando a cabeça. Mas a verdade é que resultara na perfeição.

Não havia ali nada de banal, nem típico de um hotel, refletiu Owen... não quando era Justine Montgomery quem estava no comando. Aquele quarto com decoração *art déco* era, provavelmente, o seu favorito.

O alarme do telemóvel avisou-o de que estava na hora de começar a fazer algumas chamadas.

Owen saiu do quarto e encaminhou-se para a porta das traseiras que dava acesso ao alpendre, onde Luther trabalhava nos corrimãos. De dentes cerrados, atravessou apressadamente o alpendre coberto fustigado pelo vento frio e cortante, desceu ao piso térreo e entrou na receção.

— Está um frio de rachar! — O rádio estrondeava; as pistolas de pregos ressoavam. Owen concluiu que não conseguiria trabalhar com todo aquele barulho. Agarrou no casaco e na pasta.

Entrou no vestíbulo, onde Beckett estava sentado no chão a executar os moldes das sancas.

— Vou à Vesta.

— Ainda não são dez horas. A pizaria ainda não abriu.

— Precisamente.

No exterior, Owen encolheu-se contra o frio ao parar no semáforo e amaldiçoou o facto de o trânsito estar de tal forma compactado que o impedia de atravessar a rua principal. Expirando nuvens de condensação gélidas, aguardou que o sinal abrisse para os peões. Atravessou a correr na diagonal e, ignorando a tabuleta que dizia «Fechado» no vidro da porta da frente do restaurante, bateu com força na porta.

Via luzes no interior, mas não via qualquer movimento. Tirou o telemóvel do bolso e marcou de memória o número de Avery.

— Raios, Owen, agora tenho massa no telefone.

— Então estás aí dentro. Abre a porta antes que eu morra gelado.

— Raios — repetiu ela, desligando o telefone. Mas, segundos depois, Owen viu-a: avental de peitilho branco sobre umas calças de ganga e uma camisola preta de mangas arregaçadas até aos cotovelos. O cabelo... com que diabo de cor estava agora? Parecia-lhe algo próximo do cobre intenso do telhado do hotel.

Ela começara a mudar-lhe a cor alguns meses antes e já passara por quase todos os tons, à exceção do tom ruivo natural de guerreira escocesa. Tinha-o também cortado bem curto, recordou Owen, embora o cabelo já tivesse crescido o suficiente para ela conseguir prendê-lo num pequenino puxo enquanto trabalhava.

Os olhos, de um azul tão intenso como o cobre do cabelo, fitaram-no furiosamente quando ela abriu a porta.

— O que queres? — perguntou ela. — Estou a meio de uma preparação.

— Só quero um espaço sossegado. Nem sequer vais dar pela minha presença. — Owen esgueirou-se para o interior da pizaria, antes que ela pudesse fechar-lhe a porta na cara. — Não consigo falar ao telefone com aquele barulho todo no hotel e preciso de fazer umas chamadas.

Ela semicerrou os olhos azuis ao olhar para a pasta que ele trazia.

Owen experimentou um sorriso sedutor. — Ok, talvez tenha também de tratar de uma papelada. Vou sentar-me ao balcão. Não vou fazer barulho nenhum.

— Oh, está bem. Mas não me incomodes.

— Hum, só mais uma coisinha antes de voltares para a cozinha: por acaso não tens café feito?

— Não, por acaso não tenho. Estou a preparar massa, que está agora em cima do meu telemóvel novo. Ontem trabalhei até ao fecho e a Franny ligou-me hoje às oito da manhã a dizer que não vinha porque estava doente. Parecia que alguém lhe tinha passado a laringe por um moinho de carne. Ontem estive sem dois empregados de mesa devido ao mesmo problema, o que quer dizer que o mais provável é hoje trabalhar também até à hora do fecho. O Dave não pode trabalhar hoje porque vai ao dentista fazer um tratamento de canal e tenho um autocarro turístico a chegar ao meio-dia e meia.

Como ela tinha soltado as palavras como se fossem pequenas chicotadas, Owen limitou-se a anuir com a cabeça. — Ok.

— Olha... — Avery fez um gesto em direção ao longo balcão. — Faz o que quiseres.

Regressou apressadamente para a cozinha nos seus ténis *Nike* verdes.

Ele ter-se-ia oferecido para ajudar, mas era visível que ela não estava para aí virada. Ele compreendia bem os seus estados de espírito, pois

conhecia-a há uma eternidade, e sabia que estava angustiada, impaciente e stressada.

Havia de lhe passar, pensou ele. Passava-lhe sempre. A ruivinha descarada da sua infância, antiga chefe de claque do liceu de Boonsboro, a par da Clare de Beckett, transformara-se numa aplicada dona de restaurante. Que fazia umas pizzas fantásticas.

Avery deixara atrás de si um suave aroma a limão e um rasto de energia. Ao sentar-se num dos bancos ao balcão, Owen ouviu o som da movimentação dela na cozinha e achou-o tranquilizador, um tanto ritmado.

Abriu a pasta, tirou o iPad, o bloco de notas com mola e despreendeu o telemóvel do cinto.

Fez os telefonemas, enviou emails, mensagens de texto, reajustou a sua agenda, fez cálculos. Embrenhou-se nos pormenores, emergindo apenas quando viu uma caneca de café debaixo do nariz.

Owen levantou os olhos em direção ao bonito rosto de Avery.

— Obrigado. Não precisavas de te incomodar. Não me demoro.

— Owen, já estás aqui há quarenta minutos.

— A sério? Perdi a noção do tempo. Queres que me vá embora?

— É-me indiferente. — Embora tivesse uma mão fechada a pressionar a zona lombar, Avery falava agora com mais calma. — Tenho tudo controlado.

Ele sentiu um outro aroma no ar e, olhando para o grande fogão, viu que ela estava a preparar os molhos.

O cabelo ruivo, a pele branca como leite e as sardas podiam denunciar a sua origem escocesa, mas o molho de tomate de Avery era tão maravilhosamente italiano como um fato *Armani*.

Owen perguntara-se muitas vezes onde teria ido ela buscar tal habilidade, e vontade, mas pareciam ambas fazer tão parte da sua natureza como os grandes e expressivos olhos azuis.

Avery agachou-se, abriu o frigorífico sob o balcão para tirar uns recipientes e começou a encher frascos com as respetivas guarnições.

— Lamento que a Franny esteja doente.

— Eu também. Ela está mesmo mal. E o Dave está péssimo. Só vem trabalhar um par de horas esta tarde porque eu não tenho mãos a medir. Odeio ter de lhe pedir isto.

Owen estudou o rosto dela enquanto ela trabalhava. Agora que a observava com atenção, reparou que estava com olheiras.

— Estás com um ar cansado.

Ela lançou-lhe um olhar de reprovação por cima do frasco de azeitonas pretas. — Obrigada. É isso que toda a mulher gosta de ouvir. — Encolheu os ombros. — Estou realmente cansada. Pensava que hoje ia ficar a dormir até mais tarde. A Franny ia abrir o restaurante e eu devia chegar por volta das onze e meia. A viagem é curta, desde que me mudei para o andar de cima. Por isso estive a ver o programa do Jimmy Falcon e acabei de ler um livro que tinha andado a ler aos bochechos a semana inteira. Quando me deitei eram quase duas. Então, a Franny liga-me às oito. Seis horas não é mau, a não ser que uma pessoa tenha feito turno duplo e tenha de fazer outro.

— Lado positivo? O negócio está a correr bem.

— Pensarei no lado positivo depois da excursão turística. Bem, já chega. Como vão as coisas no hotel?

— Tão bem que vamos começar a rechear o segundo piso amanhã.

— A rechear com quê?

— Móvel, Avery.

Ela pousou o frasco e arregalou os olhos. — A sério? A sério?

— O inspetor vai fazer uma vistoria esta tarde, para dar o aval. Estou a falar em aval porque não há razão para ele não o dar. Acabei de falar com a Hope. Ela vai começar a tratar da limpeza. A minha mãe e a minha tia vêm hoje, provavelmente já lá estarão, visto que são quase onze, para dar uma mãozinha.

— Eu queria ajudar, mas não posso.

— Não te preocupes com isso. Temos muitas mãos.

— Gostava que as minhas fossem duas delas. Talvez amanhã, dependendo de doenças e de raízes de dentes. Céus, Owen, essa é uma grande notícia! — Deu uns passinhos de hip-hop com os seus ténis verdes. — E esperaste quase uma hora para a desembuchar?

— Tu estavas demasiado ocupada a resmungar comigo.

— Se tivesses desembuchado mais cedo, eu teria estado demasiado entusiasmada para resmungar. A culpa é tua.

Sorriu para ele, a bonita Avery MacTavish de olhos cansados.

— E se te sentasses uns minutos?

— Hoje não posso parar. — Fechou o recipiente, voltou a guardá-lo e foi ver como estavam os molhos.

Owen ficou a vê-la trabalhar. Ela parecia sempre estar a fazer meia

dúzia de coisas ao mesmo tempo, como se fosse um constante número de malabarismo, com umas bolas no ar e outras a saltarem como loucas até ela as conseguir agarrar e lançar de novo.

Era algo que espantava a sua mente organizada.

— É melhor eu voltar para o hotel. Obrigado pelo café.

— De nada. Se alguém do vosso pessoal estiver a pensar almoçar cá hoje, diz-lhe para esperar pela uma e meia. A essa hora já não haverá tanto movimento.

— Está bem. — Owen agarrou nas suas coisas e parou à porta. — Avery? Que cor é essa? O teu cabelo.

— Isto? Cobre.

Ele sorriu e abanou a cabeça. — Eu sabia. Até logo.

CAPÍTULO DOIS

Owen prendeu o cinto de ferramentas à cintura e comparou a sua lista de tarefas com a de Ryder. — O segundo piso está cheio de mulheres — disse-lhe Ryder com uma ponta de azedume.

— Estão nuas?

— A mãe é uma delas.

— Ok, esquece o nuas.

— A mãe, a Carolee e a gerente. A Clare é capaz de ainda estar lá também. É uma autêntica praga, pá. Está sempre alguma aqui em baixo a fazer perguntas. — Ryder agarrou na sua garrafa de bebida energética que estava em cima da ilha da cozinha, onde espalhou os planos e as listas desde que Hope o expulsara do espaço projetado para o seu escritório. — Como foste tu quem lhes abriu as portas, vais ser tu a responder às malditas perguntas. E onde raio estavas metido?

— Deixei recado. Fui até à pizaria para conseguir fazer uns telefonemas. O inspetor vem dar uma olhada no segundo piso para depois podermos começar a mobilar. E, já que está aqui, vai também dar uma vista de olhos no resto. A mobília já está preparada para transporte e vão começar a trazê-la amanhã de manhã. Também está tudo a postos para a colocação das persianas. Vão começar lá em cima esta tarde. Queres saber o resto?

— Estás a dar-me dores de cabeça.

— É por isso que sou eu quem faz os telefonemas. Posso começar a tratar dos acabamentos no primeiro piso.

— Vais para o segundo. — Ryder espetou um dedo no peito de Owen. — As mulheres são todas tuas, mano.

— Ok, ok.

Ele queria trabalhar, entrar no ritmo das pistolas de pregos, dos martelos, dos berbequins. Mas tornou a sair, amaldiçoou o frio enquanto contornava o edifício e subiu apressadamente as escadas.

E entrou no mundo das mulheres.

Owen sentiu o cheiro a perfume, a loção e a sabonete com aroma a limão. Ouviu as vozes femininas que se sobrepunham ao ruído que vinha de baixo. Encontrou a mãe de gatas, a esfregar o chão do polibã da casa de banho da Penthouse.

Ela tinha apanhado o cabelo e arregaçado as mangas de uma larga sweatshirt cinzenta. O traseiro dentro das calças de ganga balançava de um lado para o outro ao ritmo do que ouvia através dos auscultadores.

Owen contornou o vidro e agachou-se. Ela não se assustou; ele sempre acreditara na asserção dela de ter olhos na nuca. Justine limitou-se a levantar a cabeça e a sorrir-lhe enquanto se sentava sobre os calcanhares e tirava os auscultadores.

— Que diabo! — disse ela.

— Estás preparada para isto, mãe?

— Estava. Vamos deixar a suite a brilhar, embora eu me tivesse esquecido do quão difícil é limpar o encardido de uma obra. Dividimos tarefas. A Carolee está na Westley & Buttercup e a Hope está a limpar o apartamento dela. A Clare vem ajudar-nos esta tarde.

— Acabei de vir da Vesta. A Avery vai receber hoje uma excursão turística e a Franny ficou em casa, está doente. Ela queria ter vindo ajudar. — Owen examinou o balde de água com detergente. — Só Deus sabe porquê.

— É um trabalho, de certo modo, gratificante. Olha para isto, Owen. — Ajeitou dois ganchos que estavam a cair-lhe do cabelo e olhou em volta. — Olha para o que tu e os teus irmãos fizeram aqui.

— O que nós e a nossa mãe fizemos — corrigiu ele, fazendo-a sorrir outra vez.

— Tens toda a razão. Já que aqui estás, tira as prateleiras daquela caixa. Uma vai ali para cima e a outra para ali.

Justine apontou os locais.

— Isto tem prateleiras?

— Terá, quando tu as colocares. Depois podias pedir a um dos homens que te desse uma mãozinha, para pendurares o espelho do quarto. Quando estiveres pronto, mostro-te onde o quero.

— Espera, deixa-me anotar isto.

— Coloca as prateleiras pequenas que eu depois oriento-te.

Afinal de contas, sempre ia utilizar as ferramentas. Provavelmente não da maneira que preferia, com uma lista dos itens ordenados por prioridade, mas ia usar as suas ferramentas.

Depois de ter instalado as prateleiras decorativas, recrutou um dos trabalhadores para o ajudar a levar o grande espelho de moldura dourada para o quarto.

De mãos nas ancas, Justine orientava o posicionamento com «um bocadinho para a esquerda, um bocadinho mais para cima... não, para baixo». Owen marcou, mediu e furou a parede enquanto ela regressava às limpezas.

— Está pendurado! — gritou ele.

— Espera aí.

Owen ouviu o jorro de água quando ela despejou o balde. Quando saiu da casa de banho, Justine colocou novamente as mãos nas ancas. — Adoro!

Aproximou-se do filho, colocando-se ao seu lado por forma ao espelho refletir a imagem de ambos. Com um sorriso largo, enlaçou a cintura do filho com um braço. — É perfeito. Obrigada, Owen. Podes ir chamar a Hope, por favor? Ela sabe o que precisa de ir lá para baixo. Eu tenho mais um monte de azulejos para limpar.

— Posso contratar um serviço de limpezas.

Ela abanou a cabeça. — Esta etapa é para a família.

Ele supunha, então, que Hope Beaumont fizesse parte da família. Ela e Justine tinham-se entendido às mil maravilhas, pensou Owen ao atravessar o corredor. Desde o primeiro instante.

A ex-miss estava em cima de um escadote baixo na cozinha do apartamento a limpar as portas dos armários. Hope atara uma bandana em torno dos cabelos escuros e tinha um pano pendurado no bolso traseiro

das calças de ganga salpicadas de tinta branca e quase rasgadas sobre o joelho direito.

Virou-se para olhar para ele e soprou a franja do rosto. — Isto não parecia estar assim tão sujo.

— A sujidade resultante de obras entranha-se em todo o lado. — Perguntou-se se deveria dizer-lhe que levaria dias a aspirar e a lavar. Talvez semanas.

Decidiu que ela descobriria por si mesma.

— Estás a fazer progressos — disse ele.

— Estamos, realmente. — Sentou-se por instantes no escadote, pegou numa garrafa de água que estava em cima do balcão e desenroscou a tampa. — Vamos mesmo começar a mobilar amanhã?

— Já me parece em condições para isso.

Ela bebericou e sorriu.

Hope tinha uma voz rouca que condizia com a aparência sedutora; uns enormes olhos escuros, uns lábios carnudos e bem desenhados.

Não fazia mal ter uma mulher bonita como gerente, pensava Owen. Mas, muito mais importante para si, era o nível de organização e a eficiência dela estarem a par dos seus.

— Se tiveres um minuto, a minha mãe disse que querias levar umas coisas para o primeiro piso.

— E no rés-do-chão, se conseguirmos espaço. Quantas mais caixas esvaziarmos, mais fácil será limpar e mobilar.

— Bem visto. — Aquela mulher falava a sua língua, pensou Owen. — Sou todo teu. Precisas de alguma ajuda aqui?

— Preciso de pendurar umas prateleiras.

Bem, paciência, pensou ele. Era o Dia das Prateleiras. — Eu penduro-tas.

— Agradecia-te. Estão no outro apartamento. Posso ir buscá-las mais logo.

— Eu posso pedir a alguém para as ir buscar.

— Claro, se não causar transtorno. Mas podíamos tratar primeiro do que já cá está. Já tenho tudo o que a Justine queria no J&R.

A sua língua, pensou Owen novamente.

— Queres um casaco? — perguntou ele quando ela desceu do escadote.

— Não, obrigada. A viagem é rápida. — Mas puxou para baixo as

mangas da sweatshirt. — Falei com a Avery hoje de manhã — continuou ela quando se encaminhavam para a parte de trás do edifício. — Ela está com os nervos em franja, com tantos empregados doentes. Eu tinha pensado ir dar-lhe uma ajuda esta noite, mas parece que vamos estar ocupados aqui até bastante tarde.

Quando saíram, Hope pôs uma mão sobre a bandana para que o vento não a levasse. — Com o frio que está, aposto como ela está cheia de encomendas para fora. Quem quer sair de casa com um tempo destes? — Hope entrou no quarto Jane & Rochester e esfregou as mãos. — Podíamos começar pelo W&B. Ou, já que aqui estamos, podíamos ir das traseiras para a frente neste piso. Começamos por aqui, com as prateleiras e o espelho da casa de banho. — Deu uns toques nas caixas cuidadosamente etiquetadas. — Espelho da casa de banho.

Hope verificou os artigos para cada divisão, até ao piso térreo.

— Isto deverá manter-me ocupado. Vamos atalhar caminho e começar já por aqui.

— Muito bem. Eu posso mostrar-te onde fica tudo e depois deixar-te trabalhar em paz. Se tiveres alguma dúvida, podes mandar alguém chamar-me lá acima. — Tirou um canivete do bolso e abriu uma das caixas de transporte.

— Gosto de uma mulher que tem o próprio canivete.

— Desde que me mudei para cá que me apetrechei. Estive quase para comprar uma pistola de pregos, mas depois constatei que seria um bocadinho de mais. — Tirou duas prateleiras curvas em cobre. — Por isso compensei com mais material de escritório. Que mal têm mais umas pastas de arquivo e uns Post-its de cores a condizer?

— Estás a pregar aos convertidos.

Conversaram afavelmente enquanto ela indicava a altura, o espaço e ele media, nivelava e perfurava.

— Perfeito. Vê como o ouro envelhecido da moldura do espelho faz realçar os azulejos e o cobre da banheira e das prateleiras. Espera até a Justine ver isto. — Deu uma volta e encaminhou-se novamente para o quarto. — Mal posso esperar para decorar este quarto. Todos os quartos. Com a lareira e a cama espetacular que vamos pôr aqui, penso que será um dos quartos mais populares.

Hope tirou um bloco de apontamentos do bolso, riscou os itens já colocados e tomou notas.

Owen sorriu quando ela voltou a guardá-lo. — É bom ter alguém a jogar na minha equipa, para variar.

— Anotar coisas acaba por nos poupar tempo.

— Uma vez mais, estás a pregar aos convertidos.

Reuniram caixas e transportaram-nas através do alpendre.

Hope entrou no Eve & Roarke e quase esbarrou em Ryder.

— A mãe quer o candeeiro do teto pendurado. Onde diabo está?

— Trago-o aqui — disse-lhe Owen.

— Então instala-o.

— É esse o plano. A Hope tem umas coisas no apartamento que quer trazer para cá. E se fosses lá buscá-las?

— Posso ir buscá-las mais tarde — disse Hope.

— Que coisas? Onde estão?

— Prateleiras. Casa de banho e sala de estar. Estão em caixas marcadas no meu armazém. No quarto de hóspedes — corrigiu ela. — Estou a usá-lo como armazém.

— Eu trato disso.

— Precisas da chave — disse ela quando ele começou a afastar-se. Tirou-a do bolso da frente e estendeu-lha.

Ele enfiou-a no próprio bolso. — Tens aqueles cabides de pendurar nas portas nessas caixas?

— Alguns — respondeu Owen.

— Leva-os lá para cima, por amor de Deus. Não quero ouvir falar mais nisso. Onde está o do quarto dos deficientes?

Como os braços estavam a começar a doer-lhe, Hope pousou as caixas. — No Jane & Rochester, na parede que dá para St. Paul, numa caixa marcada «M&P, cabide para roupa». Se vais buscar isso, talvez seja melhor trazeres também as duas caixas que estão na mesma zona e que estão marcadas «M&P, prateleiras de casa de banho». Mas não as coloques enquanto eu, ou a tua mãe, não estivermos lá. E queremos uma pequena prateleira de canto ao lado do lavatório no M&P.

Hope tirou o bloco de notas e folheou-o. — São estas as dimensões, o conceito básico.

Ryder franziu os olhos para o bloco e depois para ela. — Porquê?

— Porque, devido às normas exigidas para os deficientes e ao desenho do espaço, não temos uma única superfície para algo tão básico como uma escova de dentes. Agora teremos.

— Dá-me o raio do papel.

Hope rasgou a folha. — Estou certa de que o Owen, ou o Beckett, ou alguém da equipa poderá tratar disso, se estiveres demasiado ocupado.

Ryder limitou-se a enfiar o papel no bolso e afastou-se.

— Tens a certeza de que ele é teu irmão? — disse Hope por entre dentes.

— Tenho. Ele está um bocadinho stressado com os acabamentos daqui para podermos cumprir os prazos, com o trabalho em casa do Beck e com a conclusão da demolição aqui ao lado para podermos andar para a frente com a padaria.

— É muita coisa — admitiu Hope. — Porque não estás tu stressado? Tens as mesmas incumbências.

— São departamentos diferentes. Eu não preciso de mandar. A minha função é negociar. — Pousou a caixa no chão da casa de banho.

Pensativa, Hope desencaixotou a pequena prateleira de vidro. — É um detalhe, o tipo de pormenor em que ninguém vai realmente reparar.

— A menos que não estivesse presente.

— Como um sítio para colocar a escova de dentes. — Ela sorriu e deu umas pancadinhas na parede. — Aqui mesmo. Se já não precisas de mim, vou voltar para cima.

De caminho, Hope entrou na suite Westley & Buttercup e encontrou Carolee atarefada a lavar o chão do quarto.

— Carolee, a casa de banho está ótima. Um brinco.

De faces rosadas devido ao esforço, a irmã de Justine desviou os cabelos louros do rosto. — Juro que não limpava assim com tanto empenho há anos. Mas valeu a pena. Não paro de pensar que vou trabalhar aqui! Vou entrar neste quarto a toda a hora. Precisa de mim, chefe?

Hope riu-se. — Já me ultrapassaste. Eu tive de parar para orientar o Owen relativamente às prateleiras e mais algumas coisas. Vou agora ver como está a Justine e depois vou para o meu apartamento. O meu apartamento de gerente. Oh, quase me esquecia, se tiveres algum tempo livre nos próximos dias, gostava de rever uma vez mais contigo o programa de reservas. É que nós vamos começar a aceitar reservas.

— Que bom! — Carolee agitou as mãos no ar, triunfante. — Que bom! Que bom!

Ela também se sentia assim, pensou Hope enquanto regressava apressadamente para o interior do hotel. Não se empolgava tanto com

um emprego desde que começara a trabalhar no Hotel Wickham em Georgetown. Embora não fosse um bom termo de comparação, tendo em conta como haviam acabado as coisas.

E, contudo, o desentendimento com Jonathan Wickham e a sua decisão em pedir a demissão do cargo de gerente haviam-lhe aberto as portas para o Hotel BoonsBoro.

Um belo edifício, maravilhosamente restaurado, numa vila encantadora onde moravam as suas duas melhores amigas. Não, nunca se sentira tão empolgada com um emprego.

Espreitou para dentro da Penthouse e viu Justine no amplo parapeito da sala de estar, a contemplar a rua principal.

— Estou a fazer uma pausa — disse-lhe Justine. — A casa de banho é enorme... e a culpada sou eu.

— Eu termino.

— Está terminada, mas acho que tornamos a fazer uma limpeza geral antes da grande festa inaugural. Estava aqui a pensar no estado deste edifício quando trouxe pela primeira vez os rapazes para darem uma olhadela. Meu Deus. E também estava a pensar no quão satisfeito e orgulhoso ficaria o Tommy. E como estará provavelmente furioso por não ter sequer martelado uns pregos.

— Ele ensinou os filhos a martelá-los, por isso teve igual participação na realização desta obra.

O olhar de Justine suavizou. — É muito simpático da tua parte dizeres isso. É exatamente assim. — Estendeu uma mão para apertar a de Hope. — Quem me dera que nevasse. Quero ver como fica coberto de neve, e depois na primavera, no verão e no outono. Quero vê-lo resplandecente em todas as estações.

— Eu vou mantê-lo sempre a brilhar.

— Sei que sim. Vais ser feliz aqui, Hope. Quero que sejas feliz aqui, que todos os que se hospedem aqui sejam felizes.

— Eu já sou feliz aqui.

Feliz como não era há muito tempo, pensou Hope quando retomou a limpeza dos armários da cozinha. Tinha a oportunidade de fazer um bom trabalho para boas pessoas.

Inclinou a cabeça ao analisar os armários. E, para se recompensar,

passaria pela loja de presentes Gifts, antes da hora do fecho, para comprar aquelas taças maravilhosas que lhe tinham ficado debaixo de olho. Um pequeno presente de boas-vindas à casa nova.

Ryder entrou com caixas. — Porque é que as mulheres gostam tanto de prateleiras? — perguntou ele. — De quantos metros de superfície plana precisa uma pessoa?

— Isso depende de quantas coisas a pessoa quer expor — respondeu ela friamente.

— Só servem para acumular pó.

— Para umas servem para acumular pó, para outras são recordações e estilo pessoal.

— Onde diabo queres as tuas superfícies planas para as tuas recordações e estilo pessoal? Não tenho o dia todo.

— Deixa-as aí. Eu coloco-as depois.

— Ótimo.

Pousou-as no chão e virou-se.

A mãe estava à porta, de braços cruzados, e fitava-o com uns olhos que ainda conseguiam intimidá-lo.

— Peço desculpa pelo meu filho, Hope. É óbvio que perdeu os bons modos no meio daquele mau humor.

— Não tem importância. O Ryder está muito ocupado. Estão todos muito ocupados hoje.

— Isso não serve de desculpa para a má educação. Pois não, Ryder?

— Não, mãe. Terei todo o gosto em pendurar as prateleiras — disse ele a Hope — se me disseres onde as queres.

— Assim está melhor. — Justine lançou-lhe um último olhar severo antes de voltar para a suite.

— Então? — perguntou Ryder, impaciente. — Onde queres que as ponha?

— A sugestão que tenho neste momento não seria a parede.

O sorriso rápido, de orelha a orelha, apanhou-a de surpresa. — Como não tenho quaisquer recordações que gostasse de enfiar no cu, que tal uma segunda opção?

— Deixa-as aí, ok? E tu... — Apontou para a porta.

Avaliando-a, Ryder enganchou os polegares no cinto de ferramentas. — Eu não tenho medo de ti, mas tenho medo dela. Se não pendurar isto, ela vai castigar-me. Por isso não saio daqui até tu escolheres os locais.

— Já estão marcados.

— O que é que está marcado?

— Eu medi as prateleiras e medi o espaço. Marquei os pontos de fixação. — Apontou para o espaço entre as janelas da frente e depois para a casa de banho. — Acho que podes trabalhar a partir daí.

Hope atirou o pano para o chão e saiu disparada. Ia ajudar Owen até o irmão mal-humorado acabar o serviço.

Avery manteve-se a par dos progressos no hotel através de mensagens de texto e da informação que Clare lhe transmitiu ao passar por lá. Terminado o almoço do autocarro turístico e passada a hora de ponta, fazia uma pequena pausa na sala de jantar do fundo para deglutir um prato de massa.

Naquele momento, as máquinas de videojogos estavam silenciosas. Ela calculava que daí a uma ou duas horas os miúdos começassem a chegar da escola para as pôr a apitar.

O dinheiro miúdo era uma boa ajuda, lembrou a si mesma.

— Eu queria mesmo ir até lá, nem que fosse por um minuto, para ver. — Avery bebia sofregamente a sua *Gatorade*. *Energia*, pensou. Precisava de toda a que conseguisse arranjar para concluir o dia de trabalho. — A Hope enviou-me umas fotos pelo telemóvel.

— Eu também não consegui ajudar muito. Também fomos invadidas pela excursão do autocarro turístico. Deus os abençoe a todos. — Clare sorriu e debicou a sua salada. — O Beckett disse-me que o inspetor deu o aval e que podem começar a mobilar. Podem levar já tudo para lá.

— Tudo?

— Agora já só falta tratar de alguns pormenores e ele vai regressar, mas disse que eles podiam começar já a levar tudo para lá. É claro que a Hope não pode mudar-se ainda, mas podemos começar a ajeitar tudo.

Amuada, Avery dava garfadas na massa. — Não vou ficar fora disto!

— Avery, isto vai demorar dias. Na verdade, semanas.

— Eu quero começar já. — Bufou. — Ok, agora já, não, porque estou aflita com dores nos pés. Mas amanhã. Talvez. — Comeu mais massa. — Olha para ti. Estás com um ar tão feliz.

— Cada dia mais feliz. O *Yoda* vomitou na cama do Murphy esta manhã.

— Isso é realmente motivo para comemoração.

— Decididamente, não, mas o Murphy foi a correr ter com o Beckett. Foi maravilhoso.

— Sim, eu também ficava feliz por não ter de lidar com vômito de cão.

— É uma realidade. — Os olhos de Clare dançavam. — Mas o que me faz verdadeiramente feliz é ver o quanto os miúdos adoram o Beckett, o quanto confiam nele. Ele agora faz parte de nós. Eu vou casar-me, Avery. Sou tão felizada por poder casar-me com dois homens incríveis no espaço de uma vida.

— Acho que ficaste com a minha parte. Devias mesmo dar-me o Beck.

— Nem pensar, vou ficar com ele. — O rabo de cavalo dourado oscilou quando ela abanou a cabeça. — Escolhe um dos outros.

— Talvez devesse escolher os dois. Esta noite davam-me jeito dois pares de mãos. E ainda tenho de fazer as compras de Natal. Porque é que penso sempre que terei mais tempo?

— Porque consegues sempre arranjar tempo. Disseste alguma coisa aos Montgomery acerca do espaço em frente?

— Ainda não. Ainda estou a pensar no assunto. Não disseste nada ao Beckett?

— Eu prometi que não dizia. Mas é complicado. Estou a habituar-me a dizer-lhe tudo.

— Ai, o amor, o amor... — Avery suspirou e agitou os dedos cansados dos pés. — Em alturas como esta, a ideia parece disparatada, mas...

— Tu eras capaz de o fazer. E bem.

— Só estás a dizer isso porque eu era mesmo. — Avery riu-se, dissipando um pouco da fadiga do rosto. — E porque me adoras. Tenho de voltar ao trabalho. Vais para o hotel?

— A Laurie e a Charlene têm a livraria sob controlo. Pensei em dispensar-lhes uma hora do meu tempo. Depois tenho de ir buscar os miúdos.

— Envia-me mais fotografias.

— Está bem. — Clare levantou-se, colocou um gorro de lã sobre os cabelos louros lisos e protegeu o corpo esbelto com um casaco. — Vê se dormes, querida.

— Isso não será problema. Assim que fecharmos as portas, vou lá

para cima e caio na cama oito horas a fio. Até amanhã. Deixa estar — disse Avery quando Clare começou a pegar nos pratos. — Vou mesmo para a cozinha.

Avery despediu-se de Clare com um aceno, rolou os ombros doridos e regressou ao trabalho.

Às sete estava a pôr pizzas no forno e a tirá-las, a embalá-las para entrega e a passá-las ao pessoal de serviço de mesas.

O restaurante fervilhava de atividade... o que era bom, lembrou a si mesma. Avery servia massa e empratava hambúrgueres com batatas fritas enquanto olhava de relance para o menino que estava sentado ao balcão a jogar Megatouch como se não existisse mais nada no mundo.

Regressou apressadamente para a cozinha fechada para ir buscar mais comida no preciso momento em que Owen entrava.

Ele deu uma olhadela em volta e franziu o sobrolho quando não a viu atrás do balcão.

— Onde está a Avery? — perguntou Owen a uma empregada de mesa.

— Está por aí. O coro do liceu resolveu vir comer piza depois do ensaio. Estamos a abarrotar. Ela deve estar lá atrás.

— Ok. — Ele não pensou, dirigiu-se simplesmente à máquina registadora, agarrou num dos blocos de pedidos e dirigiu-se para a sala de jantar do fundo.

Quando voltou a sair, ela estava ao balcão, de faces ruborizadas do calor, a deitar molho na massa. — Pedidos lá de trás — disse-lhe ele, colocando as folhas no lugar. — Vou buscar as bebidas.

Ela espalhou mozzarella e acrescentou coberturas enquanto o observava.

Owen era uma pessoa com quem se podia contar, pensou ela, para qualquer coisa.

Durante as três horas que se seguiram, ela não parou de cozinhar: esparguete no forno, Piza Guerreiro, beringela ao parmesão, calzone, *wraps*... Às dez parecia que estava em transe enquanto fazia o fecho das contas, limpava os balcões, desligava os fornos.

— Vai buscar uma cerveja — disse ela a Owen. — Bem mereces.

— E se te sentasses?

— Já me sento, depois de fechar a porta.

Depois de terem saído os últimos empregados e de ter trancado a

porta, Avery virou-se. Em cima do balcão estava um copo de vinho tinto ao lado de uma fatia de piza de *pepperoni*. Owen estava sentado num banco, também com um copo e uma fatia de piza.

Céus, era verdade, Owen era mesmo alguém com quem se podia contar.

— Agora senta-te — ordenou ele.

— Agora, sim. Obrigada. A sério, Owen. Obrigada.

— Até é divertido, quando não somos obrigados a fazer isto todos os dias.

— De um modo geral, até é divertido, mesmo quando somos. — Avery sentou-se e bebeu o primeiro gole de vinho. — Isto é bom! — Deu uma dentada na piza. — E isto também.

— Ninguém faz melhor.

— Podia pensar-se que eu já deveria estar farta de piza, mas continua a ser a minha comida preferida. — Completamente exausta, ela suspirou enquanto dava mais uma dentada. — A Clare disse que já podem começar a levar as mobílias para o hotel. Como se saiu a brigada da limpeza?

— Bem, muito bem. Ainda não está tudo, mas já falta pouco.

— Eu ia até lá, se conseguisse andar.

— Vou estar lá amanhã.

— Todos os que vieram cá hoje, esta noite, quer da vila, quer das redondezas, falaram do hotel. Deves estar muito orgulhoso. Eu lembro-me de como me sentia quando estava prestes a abrir, quando já estava a pendurar os quadros e a desembalar o equipamento da cozinha: orgulhosa, entusiasmada e um pouco assustada. Aqui está o meu restaurante. Consegui mesmo concretizar este sonho. Às vezes, ainda me sinto assim. Não esta noite — disse ela com uma gargalhada fraca. — Mas às vezes.

— Tens muito do que te orgulhar. É um lugar muito agradável.

— Sei que muita gente achou que a tua mãe estava doida por me ter alugado este espaço. Como ia eu gerir um restaurante?

Ele abanou a cabeça e pensou que a pele dela estava tão pálida que parecia quase transparente. A ausência da habitual energia esfusante fazia o seu cansaço parecer ainda mais extremo.

Owen decidiu manter a conversa até ela terminar a fatia da piza; assim ela sempre comia alguma coisa. Depois acompanhá-la-ia ao andar de cima para que dormisse um pouco.

— Eu nunca achei que ela estivesse doida. Tu és capaz de fazer tudo aquilo em que te empenhas. Sempre foste.

— Não consegui ser uma estrela de rock. E estava empenhada nisso.

Owen lembrava-se de a ver tocar entusiasticamente uma guitarra. Na verdade, lembrava-se de ser mais o entusiasmo do que a habilidade.

— Que idade tinhas? Catorze?

— Quinze. Julguei que o meu pai ia desmaiar quando pinteí o cabelo de preto e fiz aquelas tatuagens.

— Ainda bem que eram temporárias.

Ela sorriu e bebeu mais vinho. — Nem todas.

— Ah, sim? Onde... Espera aí — disse ele quando o telemóvel tocou. — O que se passa, Ry?

Owen desceu do banco para falar ao telefone enquanto observava as luzes do hotel através do vidro da porta da pizaria.

Quando voltou a prender o telemóvel ao cinto, virou-se e viu Avery a dormir profundamente, de cabeça deitada nos braços que pousara em cima do balcão.

Owen reparou que ela conseguira comer metade da fatia de piza e beber quase metade do copo de vinho. Limpou o balcão, apagou as luzes da cozinha e voltou atrás para apagar todas as outras, à exceção das luzes de segurança.

Depois ponderou o que fazer.

Podia levá-la em braços para o andar de cima, pois ela não pesava muito, mas não sabia bem como podia fazer isso e trancar a porta ao mesmo tempo. Podia levá-la e regressar depois para trancar a porta, pensou.

Mas quando estava a começar a levantá-la, ela acordou sobressaltada e quase lhe bateu com o ombro no rosto. — O quê? O que se passa?

— Hora de dormir. Anda, eu acompanho-te lá acima.

— Eu já tranquei tudo?

— A porta da frente está trancada. Eu tranco a das traseiras.

— Estou bem. Eu trato disso.

Quando ela tirou as chaves do bolso, ele tirou-lhas. Mas levá-la agora em braços parecia-lhe estranho. Em vez disso, colocou um braço em torno da cintura dela e deixou-a caminhar sonolenta ao seu lado.

— Só fechei os olhos um minuto.

— Devias continuar a fazer isso durante as próximas oito ou nove

horas. — Apoiou-a enquanto trancava a porta atrás deles. — Para cima — disse ele, empurrando-a escada acima até ao apartamento dela.

— Estou um bocadinho zozna. Obrigada por tudo.

— De nada. Sempre às ordens.

Owen abriu a porta do apartamento dela e tentou não ficar chocado quando viu que ela ainda não tinha desembalado as caixas... da mudança que havia feito um mês antes. Pousou as chaves na mesa ao lado da porta. — Tranca a porta depois de eu sair.

— Ok. — Ela dirigiu-lhe um sorriso, enquanto balançava o corpo devido ao cansaço. — És tão querido, Owen. Era capaz de te escolher.

— Para quê?

— Para seres a minha parte. Boa-noite.

— Ok. Tranca a porta, Avery.

Owen ficou do lado de fora até ouvir o ruído da fechadura.

A parte dela em quê?, perguntou-se, abanando a cabeça, e desceu as escadas em direção à sua pick-up, que estava no parque de estacionamento das traseiras.

Quando entrava no veículo, ergueu os olhos em direção às janelas do apartamento dela. Sentia ainda o aroma a limão que ela usava nos cabelos e nas mãos.

E sentiu-o durante todo o caminho até casa.